As fontes utilizadas por Mário Magalhães na biografia de Carlos Marighella: metodologia e resultados[1]

Vítor Almeida dos Santos[2]
Cintia Xavier[3]
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo: Este artigo apresenta a análise das fontes da biografia "Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo". Para isso, utilizou as notas catalogadas no final da biografia para classificar os seis primeiros capítulos quanto ao tipo de fonte e sua oficialidade. Essa classificação, bem como os processos de produção de uma biografia jornalística foram discutidas com Mário Magalhães, biógrafo de Marighella, em uma entrevista que também foi parte do percurso metodológico. A partir dessa combinação, buscamos compreender como as fontes ajudaram a contar a história de Marighella e como o fazer biográfico compartilha processos de produção com outros produtos jornalísticos.

Palavras-chave: fontes; biografia; Marighella; Mário Magalhães; jornalismo

1. Introdução

Este artigo apresenta os resultados da monografia "Análise das fontes utilizadas por Mário Magalhães na biografia de Carlos Marighella" (SANTOS; XAVIER, 2022)[4]. O recorte deste artigo se concentra nas conclusões desta pesquisa, ainda que sejam retomados alguns conceitos que nos ajudaram a analisar as fontes e as características da biografia, bem como o percurso metodológico associado aos resultados.

Mário Magalhães levou nove anos para escrever a biografia "Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo", deste tempo, cinco anos e nove meses foram em dedicação exclusiva. Para contar essa história, materializada em um livro de 784 páginas, divididos em 43 capítulos, o biógrafo utilizou uma ampla variedade de fontes.

---

[1] Artigo apresentado no 28º Seminário de Inverno, realizado entre 2 e 6 de junho de 2025, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

[2] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista CNPQ-CAPES, e-mail: vitoralmeida.jor@gmail.com

[3] Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora associada da UEPG, e-mail: cxavier@uepg.br

[4] A monografia foi apresentada como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Teve como orientadora a Prof. Dra. Cintia Xavier.

Quais seriam essas fontes? Era a pergunta principal que queríamos entender. A partir dessa pergunta, há um equilíbrio entre os tipos de fontes? Outra busca por respostas. Para isso, recorremos às quase 2580 notas, contidas no final da biografia, em que Mário Magalhães transparece a informação e quem a forneceu.

Schmitz (2011) entende que as fontes de notícia são pessoas que falam por si próprias ou organizações e as referências (livros, revistas, jornais, documentos etc.), ligadas direta ou indiretamente ao acontecimento e que podem ser: reativas, passivas, ativas e proativas; duvidosas, fidedignas e confiáveis. Herbert Gans (2004) elenca quatro fatores que determinam a escolha dessas fontes pelo jornalista: incentivos, poder, capacidade de fornecer informações credíveis à publicação, proximidade geográfica e social. No recorte observado pela pesquisa, percebemos o contato com pessoas, documentos oficiais, documentos não oficiais, cartas, manuscritos, bilhetes, jornais e livros.

2. Percurso metodológico associado aos resultados

O nosso primeiro passo foi buscar semelhanças e diferenças entre essas fontes. Quando começamos a perceber que havia muitas edições de jornais utilizadas; muitos livros, sobre diferentes assuntos; documentos como bilhetes, prontuários, notas escolares, carteiras de identidade; pessoas que conviveram com Marighella ou que se ligam diretamente a história do biografado sendo usadas como fontes, notamos que era preciso compreender o que essa diversidade de materiais coletados e de entrevistas feitas nos ajudava na compreensão do processo de construção da biografia. Para escrever sobre Marighella, 256 pessoas foram entrevistadas e consultadas (MAGALHÃES, 2012).

Como subsídio teórico, a pesquisa buscou nos estudos sobre fontes no jornalismo algum material que mencionasse edições de jornais, livros, documentos e pessoas como fonte. Nesse sentido, Schmitz (2011) foi o autor que mais se aproximou

da diversidade de fontes observadas no nosso recorte, ainda que o escopo do autor seja a notícia e não a biografia. Ainda assim, foi a partir dessa primeira intersecção entre as notas, nosso objeto de estudo, e a obra de Schmitz (2011) "Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo", que começamos a problematizar aqueles primeiros resultados que mostravam jornais, livros, documentos e pessoas como fontes.

Estudar as fontes não era apenas classificar por grupo ou tipo de fonte. Queríamos entender quem eram essas fontes, portanto foi necessário saber o que, de fato, são fontes no jornalismo. Além de Schmitz (2011) que traz alguns conceitos sobre fontes de notícia, a pesquisa buscou em obras como "Deciding What's News: a study of CBS Evening News, NBC nightly news, Newsweek, and Time" de Herbert J. Gans (2004), compreender as relações entre fontes e jornalistas, com o intuito de identificar como elas operam nas cadeias de produção dentro do jornalismo. Também utilizamos "Apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa" de Luiz Costa Pereira Junior (2009) que trata de abordagens e análise de fontes, o que nos possibilitou ver que o mesmo tipo de fonte não necessariamente corrobora para um mesmo tipo de informação. Outra obra utilizada foi "A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística" de Nilson Lage (2001), que dedica um capítulo para falar apenas sobre fontes, explicando parte da relação entre o jornalista e a fonte, bem como a importância da seleção das informações coletadas.

Em paralelo aos estudos sobre fontes, a pesquisa também buscou entender como a biografia é entendida no jornalismo. Para isso, utilizamos os estudos de Karine Moura Vieira (2015) na tese de doutorado "Do fazer um saber: a construção da biografia – O discurso de autoria sobre a prática na produção de biografias por jornalistas brasileiros" e na dissertação de mestrado também de Vieira (2011) "O desafio de narrar uma vida: a crítica Genética no estudo da biografia como gênero jornalístico". Também recorremos à obra "Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens" de Sergio Vilas Boas (2002), no qual o autor além de explicar parte dos processos de construção de uma biografia também discute as fontes utilizadas ao biografar.

2.1 Conceito de biografia

A biografia se configura como produto tanto do jornalismo como da historiografia. Para circunscrevê-la dentro do jornalismo, recorremos até a tese de doutorado de Karine Moura Vieira (2015). Neste trabalho, a autora caracteriza os métodos de produção das biografias escritas por jornalistas, através da constituição dos gêneros jornalísticos e de entrevistas com biógrafos que são referências no mercado editorial brasileiro. Vieira (2015) entrevistou Mário Magalhães, autor da biografia que é objeto dessa pesquisa; e Ruy Castro, biógrafo de personagens da cultura brasileira como Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues. Para a autora (2015, p. 53):

> as biografias produzidas por jornalistas, na observação de alguns pesquisadores sobre o tema (seja na história, na literatura ou mesmo no próprio campo do jornalismo), tendem a ser vistas como uma produção ainda superficial do ponto de vista metodológico, como uma pesquisa de questionável valor documental e narrativo, e ainda por buscar um aperfeiçoamento na construção do como contar uma vida, pois estariam arraigadas a modelos preestabelecidos, a alguns cânones biográficos.

Ao longo da tese, Vieira (2015) apresenta autores que apontam para alguns "vícios" desses biógrafos jornalistas como a tendência em começar a biografia pela origem da família e a falta de rigor metodológico. Pignatari (1996) e Schmidt (1997), através do trabalho de Vieira (2015) explicam que a diferença entre a biografia historiográfica e a jornalística está na preocupação crítica com as fontes de pesquisa.

> A historiografia, apesar de suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos: quem produziu determinado vestígio? Em que situação? Com quais interesses?". Porém, acredita que tais questionamentos, "nem sempre estão presentes nos trabalhos jornalísticos (Schmidt apud Vieira, 2015, p. 53)

Em contraponto a Pignatari e Schmidt, Vilas Boas (2002) diz que pela grande transdisciplinaridade da biografia, não há a caracterização de uma biografia jornalística. "Para biografar, ninguém precisa necessariamente ser jornalista, antropólogo,

astrônomo, físico ou historiador. Basta ser biógrafo, o que já não é fácil". (VILAS BOAS, 2002, p. 17).

Pereira Junior (2009), a partir dos métodos de apuração de produtos jornalísticos aponta para um jornalista que não atende apenas às versões do acontecimento. Essa visão também contrapõe a crítica da falta de rigor metodológico apresentada na tese de Vieira (2015) através dos estudos de Pignatari (1996) e de Schmidt (1997). Segundo Pereira Junior (2009), o jornalista "é um processador das camadas verificáveis da sociedade" (Pereira Junior, 2009, p. 71), ou seja, não é uma testemunha que relata versões.

> O que distinguirá o jornalista serão os passos que der para atingir "o disponível" que chamamos de real, seus critérios para não se deixar levar por falhas de percepção, pela rotina produtiva, pelo engano das fontes. É sua disciplina de verificação. A notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações. Mas, como toda matéria é calcada em mediações e discursos (entrevistas, relatos, interpretações de documentos, provas e contraprovas), uma voz anularia a outra, caso não houvesse evidência "consistente". (Pereira Junior, 2009, p.71)

A apuração deve seguir a premissa de que "cada afirmação, de cada linha, só deve ser mantida depois de respaldada" (Pereira Junior, 2009). Por isso a necessidade de confrontar versões e informações. É importante que cada informação posta no texto tenha sido fruto de evidências que apontam para o mesmo fim. (Pereira Junior, 2009).

A biografia exerce um espaço de maior autoria por parte do biógrafo mesmo que este passe por avaliação de editores e que a produção seja feita por um grupo de pessoas (Vieira, 2015). Nessa confluência com o jornalismo, de espaços de decisões, edições de material, apuração, relação com fontes, a pesquisa se apoia na ideia de Vieira (2015, p. 66) de "pensar a biografia como gênero jornalístico, na apropriação que os jornalistas fazem sobre o gênero definindo sua produção como um trabalho de reportagem". Vieira (2011) constroi, na sua dissertação de mestrado, a percepção dos gêneros jornalísticos e inclui a biografia dentro dessa perspectiva.

A pesquisa entende que mesmo diante das diferentes percepções sobre a biografia, a falta de preocupação crítica com as fontes usadas para contar as histórias de seus biografados não pode ser determinante para categorizar a biografia escrita por jornalistas. A preocupação do jornalista em incumbir sobre os fatos de forma semelhante ao trabalho de reportagem (Vieira, 2015) aliada aos métodos de apuração jornalística que pressupõe verificação, triangulação de informações e garantia de responsabilidade por cada linha informativa do texto, mostra que o trabalho jornalístico afere sobre a história do biografado o compromisso em tentar ser o mais fiel possível com os fatos.

A partir da reflexão desses dois eixos de estudo: biografia no jornalismo e fontes, a pesquisa compreendeu que era preciso aferir sobre a oficialidade da fonte, ou seja, entender se cada fonte fala por si mesma, por uma empresa, por algum órgão público ou organização. Para chegar ao conceito de fonte oficial, a pesquisa adaptou e associou conceitos de Lage (2001) e Schmitz (2011), enquanto para fonte não oficial também adaptou conceitos de Schmitz (2011) ao conceito de Pinto (2011), que foi a única autora encontrada pela pesquisa que utiliza o conceito de fonte não oficial.

2.2 Proposta de classificação das fontes

Aldo Schmitz (2011) propõe uma classificação por grupo que divide as fontes em: oficial, que é alguém que esteja ocupando cargo público e que fale por órgãos do Estado ou organizações associadas; empresarial, que representa indústria, comércios, agronegócio e serviços; institucional, que representa os grupos sociais e as organizações sem fins lucrativos; popular, que fala por si mesmo e que geralmente é uma pessoa comum, sem vínculo com grupos sociais; notável, que são os profissionais notáveis que falam de si e seus ofícios como escritores, artistas, esportistas, políticos e profissionais liberais; testemunhal, fala por aquilo que viu e ouviu, tanto como quem observou quanto participante; especializada, são as pessoas ou organizações que têm um saber

notoriamente reconhecido sobre determinado assunto; referência, são as fontes não humanas, "aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta" (Schmitz, 2011, p.27)

Diante dessa classificação de Schmitz (2011), entendemos algumas incongruências ao pensar sobre fontes oficiais e não oficiais. As fontes referenciais também podem ser oficiais, empresariais, institucionais, populares, notáveis, testemunhais e especializadas. Exemplo: um documento emitido pelo Ministério Público é uma fonte oficial, por ser de um órgão do Estado e também é uma fonte referencial, pelo formato. Outro ponto percebido é que a fonte pode ser popular e testemunhal. Exemplo: uma fonte, que teve um objeto seu furtado, falou por si mesma (popular) e falou do que viu como partícipe (testemunhal). A fonte especializada pode ser uma fonte notável. A fonte testemunhal pode ser oficial, empresarial, institucional, popular (já mencionada), notável e especializada.

Para Nilson Lage (2001, p.63) "as fontes podem ser mais ou menos confiáveis (confiança, como se sabe, é coisa que se conquista), pessoais, institucionais ou documentais" e podem ser classificadas em: fontes oficiais, oficiosas e independentes.

As fontes oficiais são ligadas ao Estado e a empresas e organizações (LAGE, 2001). Fontes oficiosas são ligadas a uma entidade ou indivíduo, porém não estão autorizadas a falar em nome deles, portanto, poderiam falar *off the record* (LAGE, 2001). As fontes independentes são desvinculadas de uma relação de poder, podendo ser organizações não-governamentais (LAGE, 2001).

Ao tratar de fontes oficiais, a classificação de Lage (2001) abrange mais tipos de representações (Estado, empresas e organizações), quando comparada a classificação de Schmitz (2011) que entende as fontes oficiais apenas como ligadas ao Estado ou órgãos públicos. Antes de fazermos a entrevista, entendíamos que, como Mário Magalhães dispôs ao final da biografia as fontes utilizadas, não teria como haver fontes que falaram *off the record*, ou seja, fontes oficiosas. No entanto, o biógrafo nos informou que

utilizou informações de fontes que não foram reveladas. Portanto, há fontes oficiosas, mas como estamos olhando apenas para as fontes creditadas nas notas, não há como saber quantas fontes falaram *off the record*.

Nas notas ao final do livro, Magalhães também não fornece informações suficientes para avaliar as relações de poder de uma fonte, portanto, também não há como classificar fontes como independentes. O autor não vincula as fontes testemunhais (pessoas) com suas ocupações. Quando uma pessoa fornece a informação, ela é apresentada apenas através do nome.

Nos trabalhos de Schmitz (2011) e Lage (2001) não há definição sobre fontes não oficiais, apesar de suas classificações oferecerem tipologias de fontes paralelas ao conceito de fonte oficial. Portanto, buscou-se na tese de doutorado de Cíntia Xavier da Silva Pinto (2011) o conceito de fonte não oficial. Segundo a autora, esse tipo de fonte trata do indivíduo comum, que testemunham os eventos. Nesse sentido, podemos atrelar a definição de fonte não oficial de Pinto (2011) com a definição de fonte testemunhal e popular Schmitz (2011). Para fonte oficial, adotamos o conceito de Lage (2011) por ser mais próximo da diversidade de tipos de fontes encontradas na biografia.

No nosso recorte metodológico, classificamos as fontes dos seis primeiros capítulos da biografia. Para avaliar se, no recorte observado, as fontes utilizadas por Mário Magalhães são oficiais ou não, precisamos olhar para a origem dessa fonte. Nesse caso, consideramos como origem, a autoria da informação de uma fonte, no caso dos livros, seriam os autores, para as edições de jornais; seriam o próprio jornal como veículo jornalístico; para os documentos seriam a autoria, que pode ser uma pessoa ou algum órgão público, instituições, organizações e empresas. Para as pessoas, entendemos que a fonte fala por si mesma, conforme aponta Schmitz (2011) para as fontes populares, ou seja, é autora de sua própria informação.

Essa classificação nos deu a possibilidade de compreender que um mesmo tipo de fonte não necessariamente será usada para um mesmo tipo de informação, nem

possui um grau de confiança maior ou menor em relação a outro tipo de fonte. Isso significa que associando a classificação por tipo de fonte com a classificação quanto à oficialidade, compreendemos que há uma grande diversidade entre tipos de fontes e que mesmo em fontes de um mesmo grupo, como os documentos, há tipos de informações diferentes, podendo estar vinculados a grupos com relações de poder ou simplesmente a pessoas que falam daquilo que viram ou ouviram, por exemplo.

2.3 Entrevista com o biógrafo Mário Magalhães

Após essas classificações, a pesquisa entrevistou o biógrafo Mário Magalhães. Portanto, utilizamos a entrevista como uma forma de debater esses movimentos de pensar as fontes dentro de uma biografia com o autor. Com isso, a pesquisa pode ampliar o debate sobre as fontes observadas na obra de Marighella, já que além de ter buscado fundamento teórico nos estudos de fontes e aferido sobre as notas, contou com a percepção do autor sobre suas fontes. Por fim, o que esses três movimentos podem contribuir no entendimento sobre fontes utilizadas por Mário Magalhães na biografia de Marighella, sendo a biografia do escopo do jornalismo?

Mário Magalhães compreende a biografia de Marighella como uma reportagem (MAGALHÃES, 2012). Antes de começar a construir a história do guerrilheiro, Magalhães já tinha uma experiência dentro do jornalismo de 22 anos, trabalhando também como reportagens (MAGALHÃES, 2022). Um exemplo são os três meses de investigação do biógrafo que reabrem, em 1999, o inquérito sobre as mortes de PC Farias e Suzana Marcolino (MAGALHÃES, 2022). Durante a entrevista, o biógrafo explicou partes dos processos de apuração, checagem de informações, entrevistas, redação, técnicas de narrativa e edição. Ao longo da explicação, adicionada aos exemplos dados pelo biógrafo em cada tópico abordado, pudemos ver como alguém que esteve durante todo o processo de construção da biografia, enxerga seu próprio trabalho depois de pronto. Além disso, através do relato de Mário Magalhães, conseguimos

aproximar parte dos processos de construção da biografia com reportagens e reportagens investigativas, corroborando para a reflexão de que a biografia pode ser entendida como um produto jornalístico.

O autor descreve ao longo da entrevista os processos de coleta de informações, checagem, redação e edição do tempo que se assemelham aos processos de construção de uma reportagem apresentadas na obra "Apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa" (2009) de Luiz Costa Pereira Junior. Também opera dentro de alguns pressupostos da reportagem investigativa ou investigação no jornalismo trazidas na obra "Os novos escribas: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil", no qual Solano Nascimento (2010) recupera conceitos sobre o jornalismo investigativo como a preocupação em revelar algo que seja relevante para a opinião pública, que certos grupos tentam esconder e que a investigação seja feita pelo repórter.

Mário Magalhães, ao biografar Marighella, também acaba contando como as coisas foram e deveriam ter sido, conceito apresentado por Lage (2001) na obra "A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística". É provável pensar que um repórter com 22 anos de experiência, ao começar a escrever uma biografia, utilize de métodos já conhecidos, ou seja, métodos atrelados ao jornalismo. Isso não faz da biografia escrita por jornalista uma biografia com menos rigor nas informações coletadas, já que ao biografar ou fazer uma reportagem, não se pode inventar nada. É cláusula pétrea do jornalismo (MAGALHÃES, 2022). A pesquisa não busca dizer que fazer uma biografia é igual fazer uma reportagem, mas no caso da biografia de Marighella, de acordo com o relato do biógrafo associado aos teóricos que estudam reportagem, reportagens investigativas e jornalismo investigativo, há o uso de critérios jornalísticos para construir a obra.

Além da credibilidade do repórter com a fonte e da fonte com o repórter, há a credibilidade do público leitor com as fontes utilizadas por esse repórter na construção de uma matéria jornalística. Nesse caso, transpomos essa ideia para a construção da

biografia de Marighella. Para Charaudeau (2013), a identificação das fontes interfere na credibilidade; quando a fonte não é citada há o risco de prejudicar a informação se o leitor quiser saber qual a origem dessa informação. Quando a fonte é identificada há o efeito no leitor de seriedade e de verdade profissional. (CHARAUDEAU, 2013)

Mário Magalhães entende que é direito do leitor saber a origem das informações que transmite, mesmo assim, o biógrafo pondera que as notas ao final do livro não são obrigatórias e que as biografias jornalísticas também não têm o costume de utilizá-las. O biógrafo cita a ideia de Eliseo Verón acerca do pacto de leitura, no qual os leitores confiam que a narrativa apresentada pelo autor possui laços factuais.

Além de esclarecer de qual fonte foi tirada a informação de que o sangue na boca de Marighella no cinema tinha um gosto adocicado - está em "Porque resisti à prisão", de Carlos Marighella - ou qual era o cardápio do presídio da Rua Frei Caneca em 18 de abril de 1945 - foi tirada de um jornal - as notas, segundo o biógrafo, são uma reverência à academia, ou seja, o biógrafo utiliza desse pressuposto acadêmico que é creditar de qual estudo/autor foi retirado a informação, para revelar suas fontes. E o fato de colocá-las ao final do livro, em vez de notas de rodapé ou com o número apontado em uma frase, palavra ou termo, se dá pelo fato de Magalhães acreditar que tanto esses números quanto as notas no final da página impõem uma "prova de obstáculos" ao leitor e tira o ritmo de leitura. O biógrafo confessa que é o tipo de leitor que confere cada nota.

3. Resultados e considerações finais

Sobre as fontes utilizadas por Mário Magalhães na biografia de Marighella, no recorte de seis capítulos observado, a pesquisa classificou as fontes segundo dois parâmetros: tipo de fonte e quanto à oficialidade. Como já mencionado, na primeira classificação encontramos quatro grandes grupos de fontes: livros, jornais, documentos e pessoas. Cada fonte com seu modo de contribuir com a história de Marighella. Na

classificação quanto à oficialidade, as fontes não-oficiais, ou seja, fontes que falam por si mesmas, como partícipe ou ouvinte, foram predominantes no recorte observado.

No nosso recorte, dos seis primeiros capítulos da biografia, esta foi a classificação:

Tipo de fonte	**Oficial**	**Não oficial**
Jornal	43	0
Documento	22	13
Livro	4	94
Pessoa	0	50
Total	**69**	**157**

Tabela 1 – Número de fontes oficiais e não oficiais nos seis primeiros capítulos
Fonte: Dados da monografia "Análise das fontes utilizadas por Mário Magalhães na biografia de Carlos Marighella" (SANTOS; XAVIER, 2022)

Entre os quatro grandes grupos de fontes, os livros foram os mais utilizados. Na classificação quanto à oficialidade, as fontes não oficiais representam mais de dois terços das fontes observadas. O desequilíbrio entre os tipos de fontes e quanto à oficialidade não é determinante para avaliar a qualidade da biografia, bem como não está no escopo da nossa pesquisa. Porém, diante desse desequilíbrio podemos refletir sobre algumas questões: qual é prioridade de Mário Magalhães? Construir a narrativa da Marighella da melhor forma possível a partir das fontes disponíveis ou tentar construir a história equilibrando tanto os tipos de fontes utilizadas quanto sua oficialidade? A

preocupação do biógrafo era escrever sua grande reportagem: Marighella. E para isso foi atrás das fontes.

Mário Magalhães entrevistou parceiros de Marighella na ALN; no PCB; o militar que revistou o Marighella agonizando antes de morrer, em 4 de novembro de 1969; a irmã de Marighella, Tereza Marighella; sua grande companheira no amor e na luta, Clara Charf. Também consultou documentos públicos privados como a autobiografia manuscrita em espanhol de Marighella que foi encontrada nos antigos arquivos soviéticos; também buscou informações em livros de registro; nas estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); em livros que contavam a história da Bahia, da Imigração Italiana, da escravização no Brasil; edições de jornais de diversas cidades e em diferentes décadas. Desse volume total de fontes consultadas, o biógrafo acredita ter usado apenas 5% na biografia (MAGALHÃES, 2022).

É difícil buscar um equilíbrio entre fontes, principalmente em volume tão grande de informações coletadas. Na biografia de Marighella não havia espaço para versões sobre um mesmo fato, e como o próprio biógrafo relatou, houve fontes de lados opostos que deram a mesma versão sobre o ocorrido e ambas as fontes estavam erradas. Ao biografar, Mário Magalhães teve como objetivo a precisão jornalística e isso indica contar como os fatos ocorreram, independente de quem informa. Claro que esse "independente" não significa aceitar todas as versões, deixando de lado critérios jornalísticos, mas pelo contrário, é confrontar, checar e caso seja confirmada, colocar essa informação na obra. Nesse sentido, Pereira Junior (2009) defende que toda informação só deve ser mantida se for respaldada.

O desequilíbrio entre tipos de fontes utilizadas e quanto sua oficialidade, no recorte observado, é o resultado de uma biografia pronta. Isso quer dizer que, para contar a história, foi preciso esse desequilíbrio. Durante a entrevista, Mário Magalhães demonstrou ter conhecimento sobre as relações de poder de uma fonte, as diferenças entre as fontes testemunhais e as fontes de referências, por exemplo. Mesmo assim, o

biógrafo esteve preocupado essencialmente em contar a história de Marighella utilizando todas as fontes disponíveis, selecionando os fatos relevantes e interessantes para entrar na obra e construindo a narrativa em cima disso.

Uma possível falta de preocupação, durante o processo de construção da biografia, em dar equilíbrio às fontes não invalida nossa classificação nem nossa preocupação em entender quem são essas fontes utilizadas pelo biógrafo.

Durante a pesquisa, observamos que a classificação das fontes por partes dos teóricos funciona para observar o produto pronto, mas no processo de produção essa tipologia fica mais difusa, pois nem sempre o repórter está preocupado em quem é sua fonte em um esquema classificatório. Na biografia de Marighella, utilizamos as fontes, pelo próprio subsídio que a obra nos deu, ao informar quem forneceu cada informação. Ao longo da pesquisa, refletimos sobre como cada tipo de fonte ajudou a construir a obra e como a pluralidade de fontes não pressupõe um equilíbrio. Mário Magalhães se preocupou em contar a vida de um maldito da história brasileira, como o próprio biógrafo relata. A obra, publicada há quase 13 anos, transparece suas fontes e esclarece ao leitor cada informação. Portanto, além de biografar Marighella, Mário Magalhães tem a generosidade de também contar sobre o processo.

Entendemos que essa pesquisa contribuiu para o entendimento de fontes na biografia ao buscar explicar como essas fontes ajudaram a construir a história de Marighella. Também há contribuição na percepção da biografia no jornalismo, tanto pelas pesquisas de Vieira (2011; 2015) quanto pelo relato do biógrafo que entende a biografia de Marighella como uma reportagem e nos ajuda a buscar essas aproximações com outras pesquisas da área.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** uma releitura. São Paulo: Summus, 1986. 158 p.

GANS, Herbert J.. **Deciding what's news**: a study of cbs evening news, nbc nightly news, newsweek, and time. Evanston: Northwestern University Press, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 190 p.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985. 166 p.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no brasil. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 171 p

PINTO, Cintia Xavier da Silva. **O documentário como produção jornalística**: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo. 2011. 381 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

SANTOS, Vítor Almeida dos; XAVIER, Cintia. Análise das fontes utilizadas por Mário Magalhães na biografia de Carlos Marighella. 2022. 141 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias:**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011

VIEIRA, Karine Moura. **O desafio de narrar uma vida:** a crítica genética da biografia como gênero jornalístico. 2011. 134 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber: a construção do biografar:** o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros. São Leopoldo: Unisinos, 2015

VIEIRA, Karine Moura; FONSECA, Virginia Pradelina da S. A **biografia como acontecimento jornalístico**. São Paulo: Líbero, 2011

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.